

UMA ANÁLISE CONCEITUAL SOBRE OS TERMOS ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO E SUA IMPORTÂNCIA NO CICLO DA ALFABETIZAÇÃO

Sidnéia Baleeiro Botelho¹
Maria Aparecida Antunes Moreira²

RESUMO: o presente artigo tem como escopo a análise sistemática, crítica e teórica, tendo como objetivo, inicialmente, contextualizar a questão da alfabetização e letramento no Brasil. Discute-se em seguida, as noções de alfabetização e letramento que são consideradas pertinentes á concepção aqui proposta e á hipótese fontes de motivação ao processo de alfabetização. O presente artigo não pretende esgotar o assunto por si só, mas fazer uma análise que elucide as consequências conceitual sobre os termos de alfabetização e letramento da decisão de inconstitucionalidade da norma apresentada. Com tudo é preciso que o educador proporcione atividades ricas e desafiadoras que envolvam os cuidados a educação e acima de tudo planeje e avalie constantemente sua postura, tenha mais trocas afetivas, dialogo interação entre professor e criança. Assim os educadores precisam de muita responsabilidade de formação pessoal e profissional, pensando e repensando suas atitudes, analisando sua situação a fim de alcançar uma melhor compreensão da natureza humana e do mundo ao seu redor.

PALAVRAS CHAVE: Alfabetização. Letramento. Aprendizagem. Práticas Pedagógicas.

¹ Mestranda em Ciências da Educação pelo Programa de Postgrado da FICS - Facultad Interamericana de Ciencias Sociales – Assunção - Paraguai. E-mail: modasnatura@hotmail.com Fone: 55 77 99118-1003.

² Professora doutora em Ciências da Educação pela UEP – Universidade Evangélica do Paraguai. Atua como orientadora de tese de mestrado pelo Programa de Postgrado da FICS - Facultad Interamericana de Ciencias Sociales – Assunção - Paraguai. E-mail: ciddamoreira@bol.com.br Fone: 55 38 99972-9097.

INTRODUÇÃO

Considerando a grande relevância da qualidade dos serviços nos espaços supramencionados, este trabalho centralizou-se a reflexão no significativo avanço de uma investigação que tem como tema central alfabetização e letramento, na perspectiva de compreender quais os fatores que interferem no processo de alfabetização e letramento dos alunos desse ciclo. Sabe-se que o processo de alfabetização inclui muitos fatores e quanto mais ciente estiver o professor de como se dar o processo de aquisição de conhecimento, melhor será a sua prática pedagógica em sala de aula.

Visto que ele terá condições de entender o desenvolvimento emocional cognitivo, como vem evoluindo o seu processo de interação social da natureza da realidade linguística envolvida no momento em que está acontecendo a alfabetização, mais condições terá esse professor de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem, sem os sofrimentos habituais.

Diante de várias inquietações no cotidiano da escola, alunos que não conseguem se alfabetizar e letrar dentro do ciclo de alfabetização. Essa situação vem causando angustias e dúvidas, pela vontade de ter um melhor entendimento sobre os fatores que contribuem e interferem na aprendizagem dos alunos e na prática pedagógica do professor.

De acordo com conceitos, percebe-se que o termo alfabetização consiste na ação de alfabetizar, de ensinar a ler e escrever palavras e textos que circulam na nossa sociedade, sendo assim o ingresso no ensino fundamental é um momento de transição na vida da criança, trazendo-lhe muitas novidades e desafios, às vezes, vivido com alegria e tranquilidade, outras, com insegurança, ansiedade ou medo.

Considerando que a alfabetização é o processo de apropriação da escrita alfabética, enquanto o letramento está relacionado ao uso efetivo da escrita em atividades de leitura e escrita de textos, em diferentes contextos.

Portanto, existem vários fatores que interferem no processo de alfabetização e letramento dos alunos no 1º ao 3º ano do ensino fundamental, os quais se tornam um desafio para alunos e professores que necessitam desenvolver o processo de apropriação da leitura, escrita, interpretação e compreensão de textos variados para fazer uso em diferentes contextos sociais.

1- FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

A aquisição da leitura e da escrita é um dos processos de integração da criança na escola, onde nos faz entender o processo de alfabetização através da leitura e escrita, condição esta fundamental a integração na vida social, oferecendo compreensão e respeito do universo da relação que influencia na construção da existência da mesma, pois é neste momento que o desenvolvimento humano ocorre, quando se entende o significado do mundo. Para isso, precisamos entender e colocar em prática este processo, levando leituras interessantes, encantadoras, para que produzam uma identificação com a vivência diária de cada criança, fazendo com que ela busque aprender e compreender mais e mais.

A capacidade de compreensão não está plenamente desenvolvida, nem vem automaticamente, pois precisa ser exercitada e ampliada em diversas atividades. Cabe aos professores contribuírem para o desenvolvimento dessa capacidade, buscando diversidades interessantes de ensinar as crianças, sendo um mediador do conhecimento, motivando-as cada vez mais a aprenderem e favorecendo a compreender melhor, oferecendo atividades prazerosas e proporcionando a familiaridade com diversos gêneros textuais em que elas irão analisar, comparar, interpretar, sistematizar e conseqüentemente o aprendizado acontecerá de forma reflexiva.

Para que as crianças aprendam a ler e a escrever com melhor qualidade é preciso que tenham acesso a diversificados e bons modelos de leitura, observando e utilizando a escrita em diferentes contextos, com efeito, é possível afirmar que é preciso oferecer inúmeras oportunidades para que, as crianças sintam-se motivadas através da leitura e dessa maneira as diferentes formas de escrita acontecem com mais autonomia. Nas últimas décadas, a demanda pela leitura e pelo domínio da escrita em nossa sociedade é cada vez maior. A leitura é exigida para que se possa ter acesso a informações ligadas das mais diferentes formas, seja na escola, no trabalho ou para ser inserido na sociedade.

A preocupação e o interesse para sanar essas dificuldades no ciclo de alfabetização fizeram com que tivesse essa investigação e analisem no processo de aprendizagem oral e escrita, esses resultados será um norteador de mudanças que poderão ser tomadas para que obtenha resultados positivos neste ciclo de alfabetização que é de fundamental importância na vida escolar.

1.1 - ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

A alfabetização é um processo indispensável na vida do ser humano, e ela é responsável pela apropriação do sistema da escrita e também pela conquista dos princípios alfabéticos e ortográficos que possibilitam o aluno a ler e escrever com autonomia.

Segundo os parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa (2001), para aprender a ler e a escrever é preciso pensar sobre a escrita, pensar sobre o que a escrita representa e como ela representa graficamente a linguagem.

São atividades que exigem do aluno uma atenção, tanto quantitativa como qualitativa, da correspondência entre segmentos falados e escritos, em que o aluno necessita ler, embora ainda não saiba ler e escrever.

Sabemos que a leitura é um processo muito mais amplo do que se pode imaginar e que está ligado à escrita. Saber ler não é unicamente interpretar símbolos gráficos, mas interpretar o mundo em que vivemos.

A leitura é um dos ingredientes da civilização, sendo um elo integrador do ser humano e a sociedade em que vive. E para que esse processo ocorra, o planejamento da alfabetização deve oferecer oportunidades de acesso a todo tipo de material escrito, pois, aprende-se a ler e escrever, deste modo, através de situações significativas de uso da leitura e da escrita.

A leitura e a escrita estão presente na vida das crianças, sempre buscando compreensão e significados para o mundo. Diversas vezes o conceito de leitura está relacionado apenas com os códigos linguísticos. Para isso, é necessário considerar o processo de formação social do ser, suas capacidades e cultura social.

Para muitas crianças o ato de ler não traz nenhum sentido, pois são treinadas apenas a decodificar letras e a não refletir sobre o que leem, logo, essa prática mecânica pode levá-los a analfabetos funcionais, ou seja, a criança ler, mais essa leitura não tem nenhum significado e valor para ela.

O entendimento sobre o ato de ler não é apenas decodificar, e sim, atribuir sentido ao texto, é compreender, interpretar e acima de tudo ser capaz de eficazmente fazer relações com o que já foi percebido e vivenciado. “Ler não equivale a decodificar as grafias em sons e que, portanto, a leitura não pode ser reduzida a puro decifrado” (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999, p.37).

Com concepção das autoras fica evidenciado que quando a criança ainda não sabe ler não é impecílio para ela ter ideias sobre as características que deve possuir um texto escrito para que permita um ato de leitura.

Segundo Freire, 1994, p.12: O aprendizado é em última instância solitário, embora se desenvolva na convivência com os outros e com o mundo. O mesmo autor continua dizendo: (...) a decifração da palavra fluía naturalmente da leitura do mundo particular (...) fui alfabetizado no chão do quintal da minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo dos meus pais. O chão foi o quadro-negro; gravetos o meu giz. Por isso, é que ao chegar à escolinha particular de Eunice Vasconcelos (...) já estava alfabetizado.

Refletindo a colocação do autor acima, o ingresso da criança no ambiente escolar é carregado de conhecimentos prévios e experiências vivenciadas, no que diz respeito à leitura de mundo, adquirido na interação com outras crianças e adultos. Falta, no entanto, é sistematizar esse aprendizado para a decodificação e interpretação dos códigos linguísticos. Compete ao educador, por meio da interação pedagógica, promover a realização da aprendizagem com o maior grau de significado possível, uma vez que esta nunca é absoluta, sempre é possível estabelecer relação entre o que se aprende e a realidade, conhecer as possibilidades de observação, reflexão e informação (...). (PCN-Introdução, p.53).

1.2 – O PROFESSOR COMO MEDIADOR NA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

Cabe ao professor como mediador na aprendizagem de seus alunos, valorizarem tudo que a criança já sabe. À medida que a criança estabelece um contato com a leitura além das aprendizagens que obterá, também terá uma visão ampla do mundo, desenvolvendo seu raciocínio, criando assim um palco de possibilidades. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) a leitura é um: Processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significados do texto, a partir do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre a língua: característica do gênero, do portador do sistema escrita, etc. (PCN, 1997, p.53).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a criança aciona conhecimentos prévios com ideias, hipóteses, visão de mundo sobre o assunto, atribuindo um sentido a algo escrito. É de suma importância e necessário que desde

cedo sejam disponibilizados e que a criança esteja em contato com textos de diferentes gêneros, isso lhe favorecerá compreender o sistema da leitura que é o caminho essencial para a construção de valores e visão de mundo.

“Às vezes, por razões absurdas, certas professoras de alfabetização, induzem os alunos a uma pronuncia completamente artificial dos segmentos que compõem as palavras, julgando que assim facilitam o trabalho de leitura da criança”. (CAGLIARI, 2009, p.142). Nessa perspectiva se a leitura realizada pela criança for forçada a fazê-la soletrando, quando ela acaba de ler, não sabe dizer o que leu e essa leitura não teve nenhum sentido para ela.

Esta atenta ao aprendizado da leitura na alfabetização é de grande relevância para a continuidade nos estudos. Se o professor ler para os alunos soletrando, conseqüentemente, eles irão ler da mesma forma. É fundamental que o professor faça sempre as leituras em voz alta, com ritmo e entonação, para que os alunos leiam também com fluência e a compreensão dos textos ocorrerá muito mais facilmente.

Muitas vezes acha-se que a criança não está desenvolvendo determinadas habilidades na escola em consequência de alguma dificuldade de aprendizagem ou culpam-se os interesses e hábitos diferentes da criança, mas, poucas vezes questiona-se o papel do modelo de aprendizagem ao qual se está aderindo.

1.3- PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

O professor precisa examinar sua prática pedagógica, pois, inúmeras vezes, observamos que existem muitas crianças que ainda não aprenderam a ler e escrever convencionalmente e são tratados como “incapazes”. Isso é sério.

Compete ao educador, à escola, buscarem meios, estratégias, maneiras eficientes de se trabalhar com esses alunos para que possam ter um melhor desenvolvimento na aprendizagem.

Buscando ser o ideal que o professor em seu trabalho pedagógico envolva atividades lúdicas de leitura e escrita, bem como o ambiente alfabetizador deve ser convidativo, portanto, a sala de aula onde as crianças passam grande parte do dia, tem que ser motivadora, espaço de muitas leituras.

O professor seja dinâmico em suas aulas, despertando o gosto e o prazer das crianças pelo hábito da leitura, criando um espaço agradável, mesmo que seja simples, pois, para a leitura de livros e outras fontes, basta fazer com que este lugar seja especial, enfim, um cantinho afetivo e aconchegante.

Não podemos deixar de citar o papel da família, pois, é através dela que normalmente surge o primeiro contato da criança com a leitura, porém, em uma sociedade em que a maioria dos pais trabalha fora e não teve acesso a leitura, o tempo para dedicar-se a formação de seus filhos é cada vez menor. Então resta a escola a responsabilidade de desenvolver esta habilidade em seus alunos, interferindo decisivamente no aprendizado dos mesmos.

3 - REVISÃO DE LITERATURA

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (1997), O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social e efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento.

Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (BRASIL, 1997 p.15)

Soares (2004) diz que a alfabetização e o letramento são conceitos compreendidos de maneiras distintas na literatura de alguns estudiosos da temática. Acredita-se que, na efetividade do trabalho pedagógico, há muitas dúvidas acerca da possibilidade de desenvolver propostas pedagógicas na perspectiva de alfabetizar e letrar.

Para Soares (2003) considera-se imprescindível a compreensão conceitual e teórica da designação de alfabetização e letramento para a construção e o desenvolvimento de propostas metodológicas de ensino que possibilitem efetivar ações pedagógicas na perspectiva de atender ao que se propõe atualmente para a educação, principalmente nos anos iniciais de escolaridade.

O mesmo autor esclarece que a alfabetização, enquanto etapa da escolaridade em que os sujeitos se apropriam, mais especificamente, da aprendizagem da leitura e da escrita imersos em uma sociedade letrada, passa a ser

foco de preocupação, não somente de educadores, mas de outros setores da sociedade.

“Alfabetizar-se, não é aprender e dominar algumas determinadas habilidades técnicas de decodificação, produção e compreensão de certos signos gráficos, mas adquirir e integrar novos modos de compreensão da realidade, do mundo, de si mesmo e dos outros.” (FRAGO, 1989, p.107)

A palavra letramento surge na segunda metade dos anos 1980 em um discurso de especialistas das Ciências Linguísticas e da Educação, como uma tradução da palavra língua inglesa “literacy”. Busca ampliar o conceito de alfabetização, chamando a atenção não apenas para o domínio de tecnologias do ler e o escrever (codificar e decodificar), mas também para os usos dessas habilidades em práticas sociais em que escrever e ler são necessários. (FREIRE, 1994)

Com essas novas exigências que surge uma nova adjetivação para o termo – alfabetização funcional- criada com a finalidade de incorporar as habilidades de uso da leitura e da escrita em situações sociais e, posteriormente, a palavra letramento. (FREIRE, 1994)

O letramento é um resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, bem como o resultado da ação de usar essas habilidades em práticas sociais, é o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequências de ter se apropriado da língua escrita e inserido num mundo organizado diferentemente: a cultura escrita. (FREIRE, 1994)

Diante do surgimento dos termos letramento e alfabetização (ou alfabetismo) funcional, alguns pesquisadores passaram a preferir distinguir alfabetização e letramento. Começaram a utilizar o termo alfabetização em seu sentido restrito, para designar o aprendizado inicial da leitura e da escrita, na natureza e do funcionamento do sistema de escrita. (SOARES, 2004)

Correspondentemente começou a reservar os termos letramento ou, em alguns casos, alfabetismo funcional para designar os usos (e as competências de uso) na língua escrita. Porém, existem outros pesquisadores que tendem a utilizar apenas o termo alfabetização para significar tanto o domínio do sistema de escrita quanto os usos da língua escrita em práticas sociais. (SOARES, 2004)

Sendo assim, Soares, 2004, sente a necessidade de estabelecer distinções tendem a utilizar as expressões “aprendizado do sistema de escrita” e “aprendizado da linguagem escrita”.

Para Soares (1990) A alfabetização e letramento são palavras chave para o mundo social, pois é por meio da alfabetização e do letramento que o sujeito passa a participar diretamente do mundo no exercício de suas funções sociais, buscando tornar-se um cidadão consciente, com domínio do código convencional da leitura e da escrita em suas práticas sociais.

3.1 OS CONCEITOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Soares (2004) diz que a alfabetização e o letramento são conceitos compreendidos de maneiras distintas na literatura de alguns estudiosos da temática. Acredita-se que, na efetividade do trabalho pedagógico, há muitas dúvidas acerca da possibilidade de desenvolver propostas pedagógicas na perspectiva de alfabetizar e letrar.

Considera-se, portanto, imprescindível à compreensão conceitual e teórica da designação de alfabetização e letramento para a construção e o desenvolvimento de propostas metodológicas de ensino que possibilitem efetivar ações pedagógicas na perspectiva de atender ao que se propõe atualmente para a educação, principalmente nos anos iniciais de escolaridade (Soares, 2003).

A alfabetização, enquanto etapa da escolaridade em que os sujeitos se apropriam, mais especificamente, da aprendizagem da leitura e da escrita imersos em uma sociedade letrada, passa a ser foco de preocupação a qual, segundo a autora (2003), não somente de educadores, mas de outros setores da sociedade.

Afinal, tendo em vista as necessidades sociais, não basta ao sujeito saber ler e escrever, ele precisa fazer uso das práticas de leitura e escrita nos mais diversos contextos em que se insere (Soares, 2001).

É considerada imprescindível a compreensão conceitual e teórica da designação de alfabetização e letramento para a construção e o desenvolvimento de propostas metodológicas de ensino que possibilitem efetivar ações pedagógicas na perspectiva de atender ao que se propõe atualmente para a educação, principalmente nos anos iniciais de escolaridade (KOERNER, 2010).

O pouco conhecimento teórico que envolve os conceitos de alfabetização e de letramento interfere diretamente no fazer do professor. Koerner (2010), ao apresentar resultado de pesquisa realizada com professores sobre alfabetização em 1996, observou que a definição que dispunham quanto a ela, bem como a forma

como se compreendiam, estava “[...] fortemente relacionada ao caráter escrito” (KOERNER, 2010, p. 22). Com relação ao letramento, nenhuma noção foi observada.

[...] o que indica que a difusão de novas concepções leva um significativo tempo até chegar ao espaço de sala de aula. Enquanto isso predomina aquelas concepções nas quais os professores se sentem seguros e, no caso da alfabetização, a ênfase recai no código escrito e no reconhecimento dos sinais gráficos, as letras (KOEMER 2010, p. 22).

Neste sentido, retomam Neste sentido, retomam-se brevemente algumas considerações das autoras que fundamentam acerca da alfabetização e do letramento, na perspectiva de subsidiar a apropriação conceitual destes termos tão fortemente discutidos, principalmente no contexto educacional. (Soares 2004, p. 47) acredita que o letramento é o “[...] estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”.

O letramento, portanto, seria um conjunto de situações práticas sociais em que a leitura e a escrita se fazem presentes nos mais diversos espaços da vida cotidiana dos sujeitos, não havendo exclusivamente um “tipo” de letramento; pelo contrário, diferentes seriam os níveis de complexidade que ele apresenta.

3.2 – O PAPEL DOS PROFESSORES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Diante das mudanças que estão ocorrendo na sociedade, como a banalização da informação, a revolução digital, da nova política, da nova economia e dos desequilíbrios familiares, torna-se necessário que o professor faça dos conteúdos habituais de suas disciplinas instrumentos, que além de qualificarem para a vida, estimulem capacidade e competências, com o intuito de estimular todas as inteligências de seus alunos (ANTUNES, 2000).

Faz-se necessário que o professor deva se reconstruir, criando no aluno um ser crítico, auxiliando na formação de sua personalidade. Valorizando a luta pelo seu espaço na sociedade, derrubando barreiras e vencendo obstáculos que a vida possa lhe proporcionar.

Se todos os docentes tiverem a intenção de estimular em seus alunos o amor pelo saber e o respeito pela diversidade e criação, devem buscar o contraste crítico e reflexivo (GÓMEZ, 2001, p.304).

Segundo Pombo (2000, p.80), o educador deveria ter por objetivo preparar adultos livres de traumas psicológicos, pessoas que não estivessem intencionadas de tirar dos outros a felicidade que delas próprias foi retirada.

A interação professor aluno vem se tornando muito mais dinâmica nos últimos anos. O professor tem deixado de ser um mero transmissor de conhecimentos para ser mais um orientador, um estimulador de todos os processos que levam os alunos a construir seus conceitos, valores, atitudes e habilidades que lhes permitam crescer como pessoas, como cidadãos e futuros trabalhadores, desempenhando uma influência construtiva.

Portanto a educação deve não apenas formar trabalhadores para as exigências do mercado de trabalho, mas cidadãos críticos capazes de transformar um mercado de exploração em um mercado que valorize uma mercadoria cada vez mais importante: o conhecimento.

Dentro deste contexto, é imprescindível proporcionar aos educandos uma compreensão racional do mundo que o cerca, levando-os a um posicionamento de vida isento de preconceitos ou superstições e a uma postura mais adequada em relação a sua participação como indivíduo na sociedade em que vive e do ambiente que ocupa.

Partindo deste princípio pode-se considerar o docente como principal agente no processo de ensino, tendo um papel ativo na formação de seus alunos, auxiliando e incitando a reconstrução dos esquemas de pensamento, sentimento e comportamento de cada indivíduo.

Esta concepção inclui tanto despertar a ativa participação intelectual do próprio educando como facilitar o contraste com as formulações alternativas das representações críticas da cultura intelectual (GÓMEZ, 2001).

A profissão professor é de suma importância, para a sociedade, pois o profissional trabalha, para formar um estudante, pleno de uma cultura geral e de diversidade, de um conhecimento científico, de raciocínio lógico, capacidade de comunicação e trabalho em grupo, que seja reflexivo e capaz de aprender a aprender, de ser, fazer e conhecer, além é claro de ser criativo habilidoso e competente.

3.3 A PARTICIPAÇÃO E INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA

A família é o espaço físico e emocional, onde a criança inicia sua vida. Seja ela do tipo que for: a família tradicional (composta de pai, mãe e filhos), a família conduzida apenas por uma única figura parental (ou pai ou mãe), famílias lideradas por avós, famílias conduzidas por irmãos mais velhos, famílias de pais adotivo, só para citar alguns. Em outras palavras, a estrutura familiar da sociedade ocidental é, atualmente, muito diferente da família patriarcal do início do século XX. Isto significa que não existem modelos prontos. Fazem-se importante notar que os papéis masculinos e femininos foram alterados por uma série de acontecimentos e descobertas científicas, tais como o advento da pílula anticoncepcional e do movimento feminista, apenas para citar alguns, que propiciaram uma transformação incomparável na vivência do papel feminino e nas estruturas de poder dentro das famílias. E, em conseqüência, alteraram também a vivência do papel masculino. A organização familiar, atualmente, está sendo criada a cada instante, frente aos problemas e imprevistos que surgem, dentro das possibilidades de cada unidade familiar. Por esta breve discussão percebe-se a complexidade do tema e do problema.

Faz-se presente também na história da alfabetização, a noção de que se o processo não transcorre dentro do esperado, a dificuldade está com a criança. E esta concepção, não vigorou apenas dentro das escolas, mas também dentro dos sistemas familiares: *“Os pais investem intensamente na criança e não expressam nenhuma outra preocupação: É um problema da criança, não um problema familiar?”* (Carter, McGoldrick & Col., 1995, p.217).

A família, outrora, alfabetizadora de suas gerações mais novas, lentamente perdeu esta função, o que se concretizou de forma evidente no século XX, com a propagação das escolas. O que ocorre na atualidade é que a família encontra-se completamente desprovida deste papel. Inclusive, o que se assiste de forma mais freqüentemente é ambos o país estarem muito envolvidos com trabalho e sobrevivência do sistema familiar, em conseqüência, a educação, enquanto um processo multifacetado e complexo (e no restrito apenas a ler e escrever, e assimilação dos conteúdos didáticos), ficar relegado quase que, por completo, ao ambiente escolar.

“O mundo doméstico foi deixado para as crianças e os velhos, sem que as mulheres e os homens saibam muito bem quem deveria ou quem vai criar os filhos, ou como criá-los num mundo que possui menos apoio á comunidade do que nos possuíam gerações anteriores”. (Carter, McGoldrick & Colaboradores, 1995, p.206).

Seria importante considerar que estes valores são aprendidos e apreendidos dentro da família. Observe-se então o seguinte conceito de aprendizagem, conforme o enfoque da Terapia Familiar:

A aprendizagem é uma das modalidades de tratamento da informação que, por meio de ensaios e erros, e em função dos dados do meio ambiente interno e externo, conduz à modificação dos sistemas de pensamento, de ação e de emoção. Baseia-se nas diferentes formas de memória que integram dados eventualmente transmitidos de uma geração para outra. A aprendizagem permite, graças às experiências suscitadas pelas interações familiares e sociais, a aquisição dos automatismos inconscientes e pré-conscientes. (MIERMONT,1994, pp. 75 e 76)

4 - CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA PARA O TRABALHO COM ATIVIDADES LÚDICAS

A importância do lúdico para o desenvolvimento cognitivo, social, cultural e psicológico do educando, analisando freqüentes dificuldades que apresentam na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental e como o lúdico intervém na melhoria deste contexto. Procurando também identificar a proposta pedagógica adotada pelo educador, as formas e técnicas empregadas que estimulam o lúdico e que tipos de valores são incentivados pela escola quando realiza brincadeiras com as crianças.

As atividades lúdicas ao serem utilizadas adequadamente podem proporcionar às crianças aprendizagem das normas sociais dentro da brincadeira, assim, tornando-se um agente de seu próprio desenvolvimento, construindo e adaptando-se ao ambiente e modificando, assim, suas habilidades cognitivas dependem além de seu conhecimento, mas também do ambiente que facilitará o brincar da criança. Desta forma, através das atividades lúdicas constrói seu vocabulário lingüístico e psicomotor, criatividade e imaginação.

A brincadeira está presente em diferentes momentos da vida da criança, seja em casa ou na escola. Desse modo, cada brincadeira tem um significado no contexto histórico e social que a criança vive. As brincadeiras vivenciadas ao longo do tempo também estão vivas na vida das crianças, porém, com diferentes formas de brincar. Nesse sentido, elas são renovadas a partir do poder de recriação e imaginação de cada um.

Assim, a brincadeira é parte integrante da vida de todo ser humano, onde através dos jogos e atividades interativas nos primeiros anos da educação infantil favorece o desenvolvimento de sua capacidade de imaginação, abstração e aplicar ações relacionadas ao mundo em que está inserido. Além de estimular a criança a desenvolver muitas habilidades na sua formação geral e isso ocorre espontaneamente, sem compromisso e obrigatoriedade.

A brincadeira é uma atividade social que, segundo (Vygotsky, 1984, p.86), “as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade”. Para o mesmo autor, as experiências vivenciadas na brincadeira propiciam desafios às crianças, situações novas que possibilitam, por parte da criança modificar o que foi apresentado, visto que a brincadeira permite além da imitação, a imaginação e a regra.

Segundo (Vygostky,1998, p. 140-154), ainda que o segredo esteja em a criança sentir a necessidade de ler e escrever, no dia-a-dia, por isso não se deve ensinar a criança somente as escritas das letras, mas a linguagem da escrita. As idéias de Vygostky sobre o desenvolvimento da escrita podem oferecer algum esclarecimento sobre a correlação entre o processo de aprendizagem da escrita e das linguagens artificiais ou simbólicas comumente utilizadas nas ciências (matemática, física, química).

De acordo com (Vygotsky, 1991, p.70), a brincadeira é entendida como atividade social da criança, cuja natureza e origem específicas são elementos essenciais para a construção de sua personalidade e compreensão da realidade na qual se insere.

(Vygotsky, 1991, p.71) salienta que a brincadeira apresenta três características: a imitação, a regra e a imaginação, presentes em todos os tipos de brincadeiras, podendo ser de faz-de-conta, tradicional ou outra atividade lúdica.

5 - ANÁLISES DOS RESULTADOS

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (1997), O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social e efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (BRASIL, 1997 p.15)

Soares (2004) diz que a alfabetização e o letramento são conceitos compreendidos de maneiras distintas na literatura de alguns estudiosos da temática. Acredita-se que, na efetividade do trabalho pedagógico, há muitas dúvidas acerca da possibilidade de desenvolver propostas pedagógicas na perspectiva de alfabetizar e letrar.

Para Soares (2003) considera-se imprescindível a compreensão conceitual e teórica da designação de alfabetização e letramento para a construção e o desenvolvimento de propostas metodológicas de ensino que possibilitem efetivar ações pedagógicas na perspectiva de atender ao que se propõe atualmente para a educação, principalmente nos anos iniciais de escolaridade. O mesmo autor esclarece que a alfabetização, enquanto etapa da escolaridade em que os sujeitos se apropriam, mais especificamente, da aprendizagem da leitura e da escrita imersos em uma sociedade letrada, passa a ser foco de preocupação, não somente de educadores, mas de outros setores da sociedade.

A palavra letramento surge na segunda metade dos anos 1980 em um discurso de especialistas das Ciências Linguísticas e da Educação, como uma tradução da palavra língua inglesa “literacy”. Busca ampliar o conceito de alfabetização, chamando a atenção não apenas para o domínio de tecnologias do ler e o escrever (codificar e decodificar), mas também para os usos dessas habilidades em práticas sociais em que escrever e ler são necessários. (FREIRE,1994)

Com essas novas exigências que surge uma nova adjetivação para o termo – alfabetização funcional- criada com a finalidade de incorporar as habilidades de uso da leitura e da escrita em situações sociais e, posteriormente, a palavra letramento. (FREIRE,1994)

O letramento é um resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, bem como o resultado da ação de usar essas habilidades em praticas sociais, é o estado ou condição que adquire um grupo social ou um individuo como consequências de ter se apropriado da língua escrita e inserido num mundo organizado diferentemente: a cultura escrita. (FREIRE,1994)

Diante do surgimento dos termos letramento e alfabetização (ou alfabetismo) funcional, alguns pesquisadores passaram a preferir distinguir alfabetização e letramento. Começaram a utilizar o termo alfabetização em seu sentido restrito, para designar o aprendizado inicial da leitura e da escrita, na natureza e do funcionamento do sistema de escrita. (SOARES, 2004)

Correspondentemente começou a reservar os termos letramento ou, em alguns casos, alfabetismo funcional para designar os usos (e as competências de uso) na língua escrita. Porém, existem outros pesquisadores que tendem a utilizar apenas o termo alfabetização para significar tanto o domínio do sistema de escrita quanto os usos da língua escrita em práticas sociais. (SOARES, 2004)

Sendo assim, Soares, 2004, sente a necessidade de estabelecer distinções tendem a utilizar as expressões “aprendizado do sistema de escrita” e “aprendizado da linguagem escrita”.

Para Soares (1990) A alfabetização e letramento são palavras chave para o mundo social, pois é por meio da alfabetização e do letramento que o sujeito passa a participar diretamente do mundo no exercício de suas funções sociais, buscando tornar-se um cidadão consciente, com domínio do código convencional da leitura e da escrita em suas práticas sociais.

CONCLUSÃO

Sabemos que a criança tem, no início do Ciclo da Alfabetização, o direito de “aprender a ler e a escrever”, em situações com a mediação do professor e em situações mais autônomas, para que possa, no final do Ciclo, chegar ao “ler para aprender” e “escrever para seguir a escolarização”, o que significa uma evolução necessária, como estudante e cidadã.

Conhecer a realidade educacional sobre as dificuldades e aprendizagem é relevante, pois o professor é um dos principais sujeitos que no decorrer da prática educativa poderá perceber em qual nível de aprendizagem ou quais dificuldades que

aqueles alunos apresentam, podendo assim auxiliá-los na superação das mesmas com metodologias diferenciadas.

Objetivando obter resultados satisfatórios deve-se analisar e compreender a eficácia da metodologia, os métodos aplicados, o currículo escolar dentre outros, no ciclo de alfabetização, ter educadores e profissionais da área pedagógica comprometidos com a qualidade do ensino e terem um olhar minucioso para o aluno, os pais participando e acompanhando livremente do desempenho escolar destes alunos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**: os jogos e os parâmetros curriculares nacionais. Campinas: Papirus, 2005.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua Portuguesa**. Secretaria de Estado de Educação. 2001.

BRASIL, **Ministério da Educação e do Desporto. Lei Darcy Ribeiro**: Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1997.

FRAGO, Antonio Viñao. **Alfabetização na sociedade e na história**: vozes, palavras e textos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 29 ed. São Paulo, Cortez:1994.

FREIRE, Paulo & MACEDO, Donaldo. **Alfabetização — leitura do mundo leitura da palavra**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 1986

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa, São Paulo: Paz e Terra, 1997

FREITAG, B. **Aspectos filosóficos Sócio-Antropológicos do Construtivismo Pós-Piagetiano** – I – Construtivismo Pós-Piagetiano. Petrópolis: Vozes, 1993.

KOERNER, Rosana Mara. **Entre saberes e fazeres da/na alfabetização: o ato de mediar do professor alfabetizador**. Curitiba: Editora CRV, 2010.

Parâmetros curriculares nacionais: Língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental — 2º ed. — Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

PINTO, Cibele Lemes; TAVARES, Helenice Maria. **O lúdico na aprendizagem**: apreender e aprender. Revista da Católica, Uberlândia, v. 2, n. 3, 2010. Disponível em <catolicaonline.com.br/revistadacatolica> acessado em 20/04/2015.

TEBEROSKY, Ana. CARDOSO, Beatriz. **Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita**. 7. ed. Capinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas; Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. Lisboa: Antídoto. 1979.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, Lev. S. **A Formação Social da Mente**. 4ed. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 1991.

WADSWORTH, Barry J. **Piaget para o professor da pré-escola e 1º grau**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1987.

WEIS, Telma, e, SANCHEZ, Ana. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. Editora Ática. São Paulo. 2003.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte:Autêntica, 2001.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 4. ed. Belo Horizonte:Autêntica, 2010.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes. 2002.

VILLANI, A. **O professor é como um analista? Ensaio**, 1999.

ZEICHNER, K. **A formação Reflexiva de Professores: Idéias e Práticas**. Lisboa: Educa.1993.